

*A pura violência é muda**

O Estado da Arte da Retórica

Ivone Ferreira
Universidade da Beira Interior

2006

Falar de Retórica envolve, necessariamente, regressar à antiga civilização grega. Foi nela que a retórica deu os primeiros passos, se bem que não devemos confundir o início da argumentação com o início da retórica.

Entende-se por argumentar “sustentar ou impugnar com argumentos; deduzir como consequência natural de um princípio ou de um facto “¹ e por argumento uma ”razão” ou ”prova” que julgamos ser suficiente para, quando apresentado a alguém, conduzir a pessoa a mudar determinado comportamento.

Desde a antiguidade crê-se que a faculdade de argumentar é atinente ao Homem e portanto podemos descobrir o exercício dessa faculdade em locais e épocas muito anteriores à Grécia do Século V a.C. Não é surpresa, então, que descubramos marcas do discurso retórico, marcas que Manuel Alexandre Júnior considera, no seu comentário introdutório à *Retórica* de Aristóteles editada pela Casa da Moeda, uma pré-retórica ou,

nas palavras do próprio, “uma Retórica avant la lettre.”

Na *Íliada* e na *Odisseia* descobre-se já uma importância dada ao falar bem, nos poemas líricos encontram-se estruturas discursivas persuasivas e, na *História da Guerra do Peloponeso*, repara-se que Tucídides recorre a uma série de animações literárias. Numa outra tradição, mais a oriente, é visível nos escritos do livro de Job - que os teólogos apontam para inspirados numa tradição oral que rondará o século XV a. C – a utilização do discurso argumentativo, bem como uma proximidade entre as características da argumentação de Job e as do género forense. Mas avancemos até às chamadas origens.

O século V a. C., apelidado de século de Péricles, marca o período de transição de uma eloquência espontânea para uma eloquência erudita. Segundo Roland Barthes, na sua *Aventura Semiológica*, o início oficial da Retórica dá-se neste século, na Sicília grega, por ocasião de umas complicações decorrentes de uns processos de propriedade. Em 485 a.C. dois tiranos teriam efectuado expropriações e, quando depostos, na tentativa de fazer a vida regressar à normalidade, constata-se a inexistência de documen-

*Hannah Arendt A Condição Humana, pág. 41

¹Dicionário on-line da Priberam.

tos escritos que atestassem a posse das terras pelos donos legítimos. A ausência de provas escritas faz sentir uma necessidade: é preciso argumentar, ser eloquente para ganhar a causa. Ora esta eloquência passaria a ser necessária não só numa situação problemática e fugaz mas em qualquer actividade pública da polis grega.

Ligada a esta arte estão os sofistas. Estes propunham-se ensinar o homem a ser um bom cidadão e a estar preparado para exercer os seus deveres da vida pública. Numa civilização orientada para o bem da cidade, não é de estranhar que, juntamente com a Lógica e a Gramática, a Retórica viesse a fazer parte do Trivium.

São os sofistas os primeiros protagonistas da história da Retórica. Professores desta nova arte de bem falar preocupada com a discussão sobre o justo e o injusto, rapidamente adquirem grande reputação diante da cidade. Sucesso que é contrabalançado com o desprezo por parte dos filósofos.

Estes professores pagos recebem de Platão dura crítica pela forma como encaram a retórica. Górgias, um deles, que ensina aos jovens esta arte a troco de dinheiro, é um dos visados no livro do filósofo com o mesmo nome. As críticas são endossadas sobretudo no que diz respeito ao objecto da Retórica e ao seu poder. É que os sofistas apresentam esta disciplina como solução para todos os males, para defender a respeito do justo e do injusto sem uma preocupação com a verdade e atribuem-lhe um poder imenso: ela é capaz de fazer subordinar o médico ao orador.

O ideal platónico seria o de uma retórica ligada à filosofia na busca pela verdade pois, como afirmava o autor, se é lamentável que alguém cometa uma injustiça, mais será que a cometa e não seja condenado. Uma *retó-*

rica filosófica serviria para que os homens se acusassem uns aos outros em vez de tentarem escapar ao castigo.

Mais optimista que Platão e mais realista que os sofistas, Aristóteles ocupa no panorama da retórica a figura central. É na obra deste autor que a Retórica é definida como algo útil e manejável, uma disciplina capaz de descobrir, em cada caso, o que este comporta de persuasivo. Uma divisão do discurso em géneros, três, tantos quantos os auditórios do seu tempo, uma definição das provas à disposição do orador e uma descrição dos auditórios são algumas das conquistas aristotélicas que chegaram até ao mundo de hoje.

E da Grécia para Roma é importante referir Cícero e Quintiliano. Cícero nasceu numa antiga família da classe equestre, numa povoação do interior do Lácio. Durante a Guerra Social do princípio do século I a.C. passou brevemente pela vida militar, passo necessário para poder participar na vida política romana. Estudou filosofia mas a sua atenção centrou-se na oratória que estudou com a ajuda de Molo, o principal retor da época. Cícero é considerado o primeiro romano que chegou aos principais postos do governo com base na sua eloquência.

Quintiliano nasceu em Carragona, Espanha, mas cedo vai para Roma. Professor de retórica do orador Plínio, depois de vinte anos de exercício de Direito, retira-se para escrever. Fica famoso pela *Institutio Oratória*, obra redigida em 12 volumes. A destacar, no Livro X o aconselhar da leitura como elemento fundamental na formação de um orador. Já no último livro apresenta o conjunto de qualidades que deve reunir quem se dedica à Oratória, tanto no que se refere à conduta como ao carácter.

O advento do cristianismo provocou algumas alterações no discurso argumentativo. Os novos cristãos não encaram bem o discurso grego devido à sua proveniência. Aquela era a civilização pagã, dos ídolos, que confia no homem mais do que num Deus uno. A redenção era a única coisa necessária, facto que os cristãos justificam pela existência de iletrados entre os apóstolos. Não é surpresa, portanto, que leiamos na Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios as seguintes palavras:

“E eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não fui com sublimidade de palavras ou de sabedoria.

Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado. E eu estive convosco em fraqueza, e em temor, e em grande tremor.

A minha linguagem e a minha pregação não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria, mas em demonstração do Espírito de poder;

para que a vossa fé não se apoiasse na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus.”²

Este excerto é parte de um dos discursos de Paulo, antigo Saulo de Tarso, aluno de Gamaliel, este fariseu e um dos mais ilustres doutores da Lei.

Apesar desta desconfiança inicial os cristãos aceitam rapidamente a escola e cultura romanas. Passam a ser rejeitados autores (pagãos) mas não a sua língua e tampouco os seus conhecimentos de retórica. A missão dada por Cristo antes de subir aos céus foi

² I Coríntios 2:1 a 5.

a da pregação do evangelho pelo mundo, tarefa que seria facilitada pela adopção de uma língua, grega ou latina, aceite pela maioria.³ E no fim do século IV Santo Agostinho afirmaria na *Doutrina Cristã*:

“Quem ousaria dizer que a verdade deve enfrentar a mentira com defensores desarmados? Como? Esses oradores que se esforçam por persuadir do falso saberiam desde o exórdio tirar o auditório dócil e benevolente, enquanto os defensores da verdade seria incapazes disso?”⁴

Já no século XVII, e entre as figuras maiores do pensamento português, conta-se António Vieira. Considerado por muitos como o maior orador de língua portuguesa, professor de Retórica e um dos filósofos do V Império, preocupa-o a causa do fracasso dos sermões:

“Este grande frutificar da palavra de Deus é o em que reparo hoje; e é uma dúvida ou admiração que me traz suspenso e confuso, depois que subo ao púlpito. Se a palavra de Deus é tão eficaz e tão poderosa, como vemos tão pouco fruto da palavra de Deus? Diz Cristo que a palavra de Deus frutifica cento por um, e já eu me contentara com que frutificasse um por cento. Se com cada cem sermões se convertera e emendara um homem, já o Mundo fora santo.”⁵

E num outro sermão, de sua autoria, chega a dirigir-se a Deus com o intuito de O conduzir ao arrependimento:

³ Olivier Reboul, *Introdução à Retórica*, São Paulo, Martins Fontes, 1998, pp.77.

⁴ *Doutrina Cristã*, IV, 2 e 3.

⁵ Sermão da Sexagésima, pag 4, BOCC.

“Todos estes dias se cansaram de balde os oradores evangélicos em pregar penitência aos homens; e, pois, eles se não converteram, quero eu, Senhor, converter-vos a vós. Tão presumido venho da vossa misericórdia, Deus meu, que ainda que nós somos os pecadores, vós haveis de ser o arrependido.”⁶

Com o seu rigor argumentativo e um texto natural e encadeado como quem tece, descobrimos nos escritos de Vieira a hipotipose, figura de estilo que consiste na descrição rica de um objecto de tal forma que parece trazê-lo aos olhos do leitor. É esse um dos motivos da adesão de um auditório a uma tese: a visualização. Estamos num prenúncio de visualização antes de qualquer meio tecnológico o permitir. É pela visualização que o sacerdote conduz os fiéis ao arrependimento quando pinta a paixão de Cristo: É que antes era Cristo ouvido e agora tornara-se Cristo visto.

Acompanham a riqueza dos sermões uma cada vez maior riqueza literária. Usada por uma igreja que condena a sociedade grega pagã que lhe deu origem, o discurso retórico do Iluminismo fica confinado a duas áreas: religiosa ou literária. Resume-se ao sermão dominical ou à prosa erudita do escritor, parecendo ter perdido o brilho e intuito de outrora: a sua eficácia persuasiva.

Poderíamos atribuir o declínio da retórica ao cristianismo mas fazendo tal coisa estaríamos a vendar os olhos a nós próprios pois a retórica continuaria a ser usada em qualquer domínio da vida pública onde existisse um *irmão*, um eleitor, um consumidor.

⁶ António Vieira, Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda, BOCC, p.4.

Com o advento da ciência e do pensamento científico, a euforia centra-se na procura de uma *Mathesis Universalis*, de uma linguagem depurada de qualquer ambiguidade. O que significa ferir de morte a disciplina usada para dirimir conflitos.

No *Discurso do Método*, Descartes declara-se decepcionado com o ensino que lhe foi ministrado: a filosofia escolástica não conduz a nenhuma verdade indiscutível, "não encontramos aí nenhuma coisa sobre a qual não se dispute". Só as matemáticas demonstram o que afirmam: "As matemáticas agradavam-me sobretudo por causa da certeza e da evidência de seus raciocínios". Seria importante tentar aplicar o seu método a outros campos.

Crete que está destinado a contribuir para a unificação de todos os conhecimentos humanos por meio de uma "ciência admirável", aguarda até 1628 para escrever um pequeno livro em latim, as *Regras para a direcção do espírito* (*Regulae ad directionem ingenii*) dedicado ao assunto.

A visão de Descartes é a de que não há lugar para o conflito, nem necessidade de discussão, uma vez que a verdade é apenas uma e apresenta-se ao espírito através da razão que é individual e está presente em todos os homens. Contra Descartes mas sobretudo contra o positivismo lógico viria a insurgir-se Chaim Perelman.

O positivismo defende, em traços gerais, que o modelo da actividade linguística e do raciocínio são fornecidos pela ciência físico-matemática. O rigor e univocidade do raciocínio demonstrativo são as características essenciais em que as outras ciências deveriam basear-se. Também importante (e castrador para a argumentação) é a defesa de que os juízos de valor não decorrentes da lógica -

dos juízos ditos da verdade – mergulham o homem no irracional. São estes dois axiomas do Positivismo que Perelman procura desmontar ao conceber uma razão mais alargada, não universal mas contextual.

Qualquer discurso tem um contexto e um auditório. A adaptação do primeiro ao segundo é condição *sine qua non* para a persuasão. O discurso científico passa a ser encarado como uma simples modalidade e não como um/o modelo. Defende-se reconhecendo a existência de dois tipos de auditórios: um auditório universal, o auditório do discurso científico, e um outro, particular, antes descartado, para quem não existem verdades objectivas mas apenas verdades razoáveis que dependem do contexto de enunciação.

Perelman reabilita o valor filosófico da Retórica, mas mais do que preocupado com as possibilidades performativas desta constrói uma teoria da argumentação.

A reabilitação da retórica no seio de uma *Nova Retórica*, que remete para uma outra retórica, aristotélica, defende que esta não tem nem o rigor das ciências formais nem os recursos experimentais das ciências empíricas, mas que se move a partir da linguagem natural, cheia de ambiguidades, submetidas perpetuamente ao jogo social do debate contraditório.

Também no século XX, não podemos deixar de fazer uma referência ao trabalho de Roland Barthes e do Grupo Mu.

Em 1982 publicam *Rhétorique générale*, uma obra que é mais dedicada ao estudo das figuras da linguagem do que uma ode à retórica aristotélica. É compreensível que assim seja, afinal estes autores são estruturalistas e o seu posicionamento é o de alguém que alarga a análise das estruturas discursi-

vas a todo e qualquer produto comunicativo. Deste modo, podemos conceber os seus escritos mais como uma obra de Semiótica, em que se analisa a capacidade comunicativa de cada produto isolado, fragmento a fragmento, mais do que se avança no sentido de regressar aos meandros de uma palavra que resolve conflitos e faz mover as assembleias. Mais. Barthes procura elaborar uma semiótica da imagem a partir da sua análise ao anúncio das Massas Panzani, mas pouco avança além da estratificação de sentidos e de ver a imagem publicitária como *inventio* e *elocutio*. Martine Joly continuará este trabalho mostrando que a publicidade utiliza toda uma colecção de figuras retóricas que antes pareciam operar apenas no domínio da poética.

O século XX ficaria marcado pelos regimes políticos totalitários. Este foi o século que recebeu Hitler, Mussolini, Salazar, Franco, entre outros. Ora quanto maior é a sede de poder maior será a necessidade deste se legitimar. É por este motivo que o Führer encomenda “Triumph des Willens”, documentário sobre o Congresso do Partido Nazi em Nuremberga, em 1934, a Leni Riefenstahl.

O cinema é a arma que permite o acesso às massas e soa mais longe do que as rádios, mostra imagens e comporta uma certa sedução. Neste sentido podemos afirmar um domínio do *pathos* na propaganda, um claro mover das massas agitadas por um discurso.

Em 1925, Sergei Eisenstein realizava o “Couraçado Potemkin” considerado por muito tempo como o melhor filme de sempre. O filme conta os acontecimentos de 1905 quando os tripulantes do barco de guerra Potemkin se revoltam contra as condições do navio, originado a revolta dos ci-

dadãos contra o regime dos czares. Sem alterar os factos históricos, o realizador opta, contudo, por um final moralizador.

1964. McLuhan publica *Understanding Media: The Extensions of Man e*, a partir do livro e da célebre frase “The media is the message”, António Fidalgo introduz a sua *Retórica Mediatizada*. A concepção deste professor de Retórica é a de que os meios modificaram não só o auditório - tornando-o ilimitado, pelo menos teoricamente⁷, devido ao elevado alcance dos media, mas alterando as próprias formas de persuasão. Passamos, segundo o autor, de um modelo triangular, onde orador, assunto e auditório se encontram para um modelo quadrangular em que os media intervêm colocando, acrescentamos nós, a audiência em interacção com uma agência, publicitária ou noticiosa, não sendo possível o contacto entre orador e auditório. Mais: os meios alteram as próprias formas do discurso persuasivo. Não é surpresa, portanto, que a retórica esteja bastante visível em diversas manifestações, transformando qualquer objecto/pessoa que dela faça uso na sua imagem, disponível no mercado para venda. Assim, é vê-la:

- No cinema, seja pelas mãos de Rifenshtal, Eisenstein, Clooney ou Al Gore.
- Na televisão, em qualquer debate político-partidário, transformando qualquer político em produto querido ou preterido, com um sucesso medível através de sondagem. O (in)sucesso desse deve-se não à pessoa que ele é

⁷ Parece-nos que a tendência é a de delimitar cada vez mais o auditório/audiência.

mas ao seu *ethos*, à sua actuação de político-actor.

- Na publicidade, recorrendo às descobertas da neurofisiologia e da psicologia, dando ao homem aquilo que ele quer, usando um discurso de sedução (manipulação?).
- Nos novos altares mediáticos, sejam eles *outdoors*, rádios ou televisão, que se manifestam disponíveis para receber padres carismáticos e pastores de todas as denominações que apregoam uma mensagem positiva e de fácil apreensão (O *God Channel*⁸ é uma das televisões a receber pregadores de todas as denominações. Emite a partir de Jerusalém.)
- No jornalismo, através de títulos e imagens cada vez mais sugestivos, em que o leitor escolhe o jornal não tanto pelas notícias mas mais pelo título da publicação e pelo nome do director, bebendo da credibilidade do meio.
- No multimédia, criando produtos desejáveis, interactivos, com fóruns, apregoando um regresso à antiga ágora grega.

Em 2003 B. J. Fogg, do Stanford Persuasive Technology Lab, publica *Persuasive Technology: Using Computers to Change What We Think and Do*. A filosofia deste laboratório é a de encarar a tecnologia computacional como uma entidade geradora de persuasão e portanto capaz de levar os seus utilizadores a mudarem de comportamento após a utilização desta. Os produtos vão dos *screensavers* aos *Tamagotchis* passando pelos vulgares jogos de consola, pcs ou para algo menos

⁸ www.god.tv

palpável como sites ou ambientes simulados. Fogg vê nos ambientes virtuais uma tecnologia promissora no campo da argumentação dada a ingenuidade com que o humano encara, ainda, estes produtos. É suposto que a publicidade queira vender-nos algo, tal como é suposto que a realidade virtual mostre novos mundos e nos distraia. Devido a esta confiança com que ainda abraçamos a RV esta pode ser, crê o investigador, explorada futuramente no campo do discurso tecnológico persuasivo.

Em jeito de conclusão

Tanta diversidade, tamanha tecnologia não contribuiu para um aumento da participação pública. A diferenciação público/privado analisada por Arendt n' *A Condição humana*, e que caracterizava a sociedade grega, trouxe à praça pública o privado em detrimento do público. Perdida a credibilidade do político, resta ao humano contentar-se em que lhe afaquem os desejos, em adormecer face a produtos que o convençam, seduzindo. Das telenovelas em que a senhora suspirava pelo actor e sonhava em poder ter alguém assim ao seu lado, passámos para a publicidade, que também conta histórias, maioritariamente positivas, mostrando que o actor do ecrã é, na verdade, o que o consumidor será, um *eu-após-a-compra* de determinado produto. O fim é a felicidade, uma felicidade não mais idílica mas alcançável após a compra de determinado bem ou serviço.

Sob um ponto de vista radical, a publicidade poderá ser vista como detentora de um carácter diabolizante, por transmitir um discurso de sedução, um discurso que utiliza corpos magníficos e figuras sedutoras para

vender produtos como desodorizantes, leite, iogurtes ou champôs.

O homem privado, faceta escondida da sociedade grega, surge agora em qualquer publicidade ou capa de jornais, tornando qualquer pessoa em capa de jornal ou identificável com qualquer actor de um anúncio. Now Big Brother is (not) watching you. It is inside of you.. Manipulação? Não. Usemos antes o termo sedução. Afinal somos livres para caminhar (ou não) ao som do encantador de serpentes.

Bibliografia

Aristóteles, *Retórica*, Lisboa, INCM.

Ferreira, “Psicologia da imagem: um retrato do discurso persuasivo na Internet”.

Fidalgo e Ferreira, “Retórica Mediatizada”, *Revista de Comunicação e Linguagens*, Lisboa, CECL, 2005.

Fidalgo, “Definição de Retórica e Cultura Grega”, BOCC.

Fogg, *Persuasive Technology: Using Computers to Change what we think and do*.

Reboul, Olivier, *Introdução à Retórica*, São Paulo, Martins Fontes, 1998.

Vieira, “Sermão da Sexagésima”, BOCC.

Vieira, “Sermão do Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda”, BOCC.

Platão, *Górgias*, Lisboa, Edições 70.